

Alexandria em Prosa e Verso

A cidade de Alexandria inspirou um dos mais instigantes romances da literatura moderna. Escrito pelo britânico Lawrence Durrell e publicado em quatro volumes (Justine, Baltazar, Mountolive e Cléa) entre 1957 e 1960, *O Quarteto de Alexandria* tem como tema a tensa e ambígua teia de relações envolvendo um multifacetado grupo de seus habitantes, no período que vai dos anos 1930 até o final da segunda guerra.

Em uma nota introdutória ao segundo volume do Quarteto o autor assim descreveu a sua construção:

“Os personagens e as situações nesta novela, a segunda de um grupo – uma irmã, não uma continuação – são inteiramente imaginários, assim como o é a personalidade do narrador. Nem poderia a cidade ser menos irreal.

A literatura moderna não nos oferece Unidades, de modo que eu me voltei para a ciência e estou tentando completar um romance de quatro andares cuja forma se encontra baseada na proposição da relatividade.

Os três lados do espaço e um do tempo constituem a receita para um contínuo. Os quatro romances seguem esse padrão.

As primeiras três partes, no entanto, devem ser dispostas espacialmente (daí a uso de ‘irmã’ e não ‘continuação’), e não se encontram ligadas de forma seqüencial. Elas se sobrepõem, se entrelaçam, em uma relação puramente espacial. O tempo encontra-se parado. Apenas a quarta parte representará o tempo e será uma verdadeira continuação.

A relação sujeito-objeto é tão importante para a relatividade que eu tenho tentado desenvolver o romance tanto através do modo subjetivo quanto objetivo. A terceira parte, Mountolive, é um romance plenamente naturalista no qual o narrador se torna um objeto, isto é, um personagem.

Este não é um método Proustiano ou Joyceano – pois ambos ilustram a ‘Duração’ Bergsoniana, não o ‘Espaço-Tempo’.

O tópico central do livro é uma investigação sobre o amor moderno.

Essas considerações podem soar talvez algo imodestas ou mesmo pomposas. Mas valeria a pena tentar um experimento para ver se conseguimos descobrir uma forma morfológica que pudéssemos apropriadamente chamar de ‘clássica’ – para o nosso tempo. Mesmo que o resultado se revelasse uma ‘ficção científica’ no verdadeiro sentido.”¹

Em *O Quarteto de Alexandria*, a cidade cosmopolita, onde religiões e nacionalidades se misturavam, não serve apenas de palco ou pano de fundo para o romance. É como se ela também vivesse e pulsasse, em compasso com o ritmo dos seus habitantes.

Uma constante citação na obra é o poeta greco-alexandrino C.P.Cavafy (1863-1933) autor dos dois poemas que seguem².

¹ Balthazar, 1ª. Edição, Faber and Faber, London.

² Publicados em C.P. Cavafy, *Collected Poems*. Translated by Edmund Keeley and Philip Sherrard. Edited by George Savidis. Revised Edition. Princeton University Press, 1992 (disponíveis em <http://www.cavafy.com>)

The City

You said: "I'll go to another country, go to another shore,
find another city better than this one.
Whatever I try to do is fated to turn out wrong
and my heart lies buried as though it were something dead.
How long can I let my mind moulder in this place?
Wherever I turn, wherever I happen to look,
I see the black ruins of my life, here,
where I've spent so many years, wasted them, destroyed them totally."

You won't find a new country, won't find another shore.
This city will always pursue you. You will walk
the same streets, grow old in the same neighborhoods,
will turn gray in these same houses.
You will always end up in this city. Don't hope for things elsewhere:
there is no ship for you, there is no road.
As you've wasted your life here, in this small corner,
you've destroyed it everywhere else in the world.

Ithaka

As you set out for Ithaka
hope the voyage is a long one,
full of adventure, full of discovery.
Laistrygonians and Cyclops,
angry Poseidon—don't be afraid of them:
you'll never find things like that on your way
as long as you keep your thoughts raised high,
as long as a rare excitement
stirs your spirit and your body.
Laistrygonians and Cyclops,
wild Poseidon—you won't encounter them
unless you bring them along inside your soul,
unless your soul sets them up in front of you.

Hope the voyage is a long one.
May there be many a summer morning when,
with what pleasure, what joy,
you come into harbors seen for the first time;
may you stop at Phoenician trading stations
to buy fine things,
mother of pearl and coral, amber and ebony,
sensual perfume of every kind—
as many sensual perfumes as you can;
and may you visit many Egyptian cities
to gather stores of knowledge from their scholars.

Keep Ithaka always in your mind.
Arriving there is what you are destined for.
But do not hurry the journey at all.
Better if it lasts for years,
so you are old by the time you reach the island,
wealthy with all you have gained on the way,
not expecting Ithaka to make you rich.

Ithaka gave you the marvelous journey.
Without her you would not have set out.
She has nothing left to give you now.

And if you find her poor, Ithaka won't have fooled you.
Wise as you will have become, so full of experience,
you will have understood by then what these Ithakas mean.³

ARDEN ZYLBERSZTAJN

³ Para uma declamação de Ithaka por Sean Connery acesse <http://br.youtube.com/watch?v=1n3n2Ox4Yfk>